

VAGNER AMARO

VIDAS NEGRAS, VIDAS LITERÁRIAS (1978-2020)

**Escritoras negras e escritores negros
na literatura brasileira contemporânea**



SUMÁRIO

- 11** PRÓLOGO: VIDA LITERÁRIA NO BRASIL
— 1988 (BRITO BROCA)
- 17** APRESENTAÇÃO
- 51** VIDAS NEGRAS IMPORTAM
- 121** LITERATURA NEGRA BRASILEIRA
- 189** VIDA LITERÁRIA
- 227** A MARCA DO EDITOR: LITERATURA
NEGRA BRASILEIRA, VIDA E VIDA
LITERÁRIA
- 251** REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
- 263** GENAS DA VIDA LITERÁRIA

**PRÓLOGO:
VIDA LITERÁRIA
NO BRASIL
— 1900
(BRITO BROCA)**

Por volta de 1900, as principais figuras da chamada geração boêmia de 1889 já se haviam aburguesado. Aluísio Azevedo, desde 1896, conseguira entrar para a carreira consular abandonando praticamente a literatura; Coelho Neto, casado, com filhos, entregue a uma produção metódica e regular, tornara-se o antípoda do boêmio. E é de Olavo Bilac, num “Curso de poesia”, em 1904 (ver a revista *Kosmos*), o eloquente protesto contra o costume de considerar-se o poeta um ser estranho na criação, um homem à parte na sociedade. Ia longe a época - dizia ele, em que o poeta se julgava na obrigação de trazer melenas; agora não passava de um homem como os outros, seguindo os trâmites normais da existência. A geração nova de então surgia nesse clima diferente, em que já não se compreendia a atitude do artista morrendo de fome, do escritor sacrificando tudo pelo ideal literário e fazendo uma própria vitória do seu desajustamento no ambiente social. Mesmo os simbolistas, com todo o desapego ao utilitarismo, com um ódio inalienável à burguesia, já haviam dado provas de que não se pode ignorar as contingências da vida material. Era a época em que Coelho Neto declarava a João do Rio, no

Momento Literário: “Ah! meu amigo, o artista não é o zoilo das confeitarias à cata de jantar”.

Dois fatores, porém, concorreram sensivelmente para a decadência da boêmia: o desenvolvimento e a remodelação da cidade e a fundação da Academia Brasileira de Letras em 1896. O Rio começou a perder o caráter semiprovinciano de velha urbe, com a vida centralizada numa pequena área, onde todos se encontravam e todos se conheciam. A abertura da avenida Central veio deslocar, em parte, os pequenos grupos que se formavam, à tarde, em diferentes pontos da rua do Ouvidor e o sistema de expedientes em que repousa a subsistência dos chamados boêmios sofria com isso um grande golpe. Era a dispersão dificultando as “facadas”, o jantar “filado” e outras tantas estratégias cotidianas de que viviam os Rocha Alazão e os Raul Braga. Mas também a popularidade deles se desgastava com o crescimento da cidade. A cotação de um tipo popular é tanto maior quanto menor o meio em que ele vive. Nas amplas perspectivas da avenida Central os boêmios inveterados já não desfrutavam o prestígio que os cercava nos estreitos limites da rua do Ouvidor.

Por outro lado, é impossível negar certa influência entre nós da Academia Brasileira de Letras no crescente aburguesamento do escritor na primeira década do século XX. Sob o signo de Machado de Assis, a prova de compostura se tornara imprescindível para a admissão no novo grêmio, que desde o início se revestira de uma dignidade oficial incompatível com os desmandos da boêmia. De onde a reação de um dos boêmios mais típicos: Paula Nei. Vendo-se excluído do número dos quarenta imortais fundadores da Academia, lançou as bases de uma Academia Livre de

Letras, em que colocou alguns boêmios, como B. Lopes, Emílio de Meneses, Dermeval da Fonseca, mas também alguns homens sérios, como Êrico Coelho, que protestou logo, dizendo não fazer parte da referida sociedade. O propósito de Paula Nei era hostilizar o grupo de Machado de Assis, tanto assim que publicara uma notícia dizendo não terem sido aceitos na novel Academia, por não haverem reunido o número de sufrágios suficientes, os srs. Lúcio de Mendonça, Oliveira Lima, Rodrigo Otávio e Graça Aranha. No entanto, desdenhando e ridicularizando a casa de Machado de Assis, muitos boêmios não tiveram a superioridade precisa para voltar as costas e ignorá-la: foi o que aconteceu com B. Lopes, Lima Barreto e Emílio de Meneses, que acabaram indo bater-lhe às portas. Os dois primeiros, vendo a inutilidade da tentativa e sentindo, principalmente, a impossibilidade de abdicar das condições de vida que os incompatibilizavam com a Academia, bem depressa desistiram. Em carta a Monteiro Lobato, Lima Barreto explicava o insucesso: “Sei bem que não dou para a Academia e a reputação de minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De modo próprio, até deixei de frequentar casas de mais ou menos cerimônia — Como é que podia pretender a Academia? Decerto não...” — Emílio de Meneses, porém, não desistiu e, depois de vários fracassos, conseguiu ser eleito para a vaga de Salvador de Mendonça, a 15 de agosto de 1914. Já então havia falecido Machado de Assis, que sempre se opusera às pretensões “acadêmicas” do popularíssimo boêmio. Não será demais lembrar, a propósito, o episódio já muito citado e que encontramos em *Minhas memórias dos outros*, de Rodrigo Otávio: “Machado entendia, e não cessava de o dizer, que a Academia devia ser, também, uma